timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO XI PREÇO AVULSO: 100$00 Nº 118 NOVEMBRO 1995

12 DE NOVEMBRO: IMPOSSÍVEL O SILÊNCIO

O elemento comum, este ano, a todas as acções evocativas do 12 de Novembro de 1991, independentemente do local onde se tenham realizado, foi uma chama. Chama de paz e de esperança

Uma chama inflamada em Timor Leste e transportada simbolicamente para o exterior, para ser difundida e se propagar a todos os cantos do planeta. De forma a que, nas palavras de Bono, dos U2, em mensagem especialmente dirigida aos timorenses nesta data, eles possam saber que mesmo quando não nos é possível escutar a sua voz, "*Não há silêncio suficientemente profundo/Escuridão suficientemente escura/Corrupção suficientemente espessa/Negociatas suficientemente grandes/Políticos suficientemente subservientes/Corações suficientemente vazios/Túmulos suficientemente largos/Para enterrar a vossa história e a afastar de nós*".

A CHAMA DA PAZ

Um grupo de duas dezenas de personalidades de reputada craveira cívica e moral (políticos, intelectuais, artistas, líderes religiosos e activistas sociais), provenientes de uma dúzia de países, incluindo a Indonésia, constituíram o núcleo desta iniciativa. Nele se incluíam, entre outros, nomes tão prestigiosos como o bispo japonês Soma, o patriarca budista tailandês Maha Ghossananda, o senador irlandês David Norris, o lorde inglês Avbury, o parlamentar namibiano Daniel Botha, a eurodeputada irlandesa Patricia McKenna, o líder maori Naida Pau, o activista indonésio de Direitos Humanos Haji Princen e o líder muçulmano indonésio Abdurracchman Wahid. Era intenção deste grupo deslocar-se a Timor Leste e aí promover uma cerimónia informal evocativa do massacre. A chama então acesa no cemitério de Santa Cruz seria transportada para fora de Timor e serviria de ponto de partida para todas as restantes iniciativas planeadas.

neste número:

IMPOSSÍVEL O SILÊNCIO

ÊXODOS

NUNCA CRUZAR OS BRAÇOS

PEREGRINOS EXPULSOS

Apesar das repetidas proclamações indonésias de que Timor Leste está aberto a todos, apenas parte da delegação conseguiu entrar no território. Oito dignitários foram sumariamente despejados em Bali quando já se encontravam a bordo do avião para Díli. Dos que entraram em Timor, só três conseguiram escapar à atenção da polícia, já que os restantes foram expulsos antes do dia 12 de Novembro, tendo sido sujeitos a vigilância e a intimidação permanentes por parte de agentes policiais à paisana durante toda a sua estadia.

Os argumentos encontrados pelas autoridades indonésias para justificar as expulsões e as proibições foram, como habitualmente, a "protecção" da segurança dos visitantes contra possíveis manifestações de hostilidade da "população local". A realidade dos factos é um pouco mais crua, já que o responsável do departamento de imigração em Díli, citado pela *Reuter*, afirma textualmente: "*Pedi-lhes para sair e teria usado a força se tivessem recusado*". O facto de dois ministros indonésios, o da Defesa e Segurança e o dos Negócios Estrangeiros se terem pronunciado sobre o incidente, dá ideia do nervosismo que o mesmo terá provocado nos círculos do poder.

MILHARES SAEM À RUA

Em inúmeros países a data do massacre de Díli foi devidamente assinalada. Deles se destacam a Austrália e os Esta-

dos Unidos, onde, na opinião dos organizadores, a participação de cidadãos nacionais solidários com o povo maubere foi a mais ampla de sempre.

Nos EUA, houve manifestações de protesto em frente à embaixada da Indonésia em Washington e dos consulados em São Francisco e Los Angeles, as quais reuniram algumas centenas de pessoas.

Na Austrália - onde a questão de Timor Leste está actualmente vivíssima junto da opinião pública - celebrações de diversa natureza puseram na rua um total de cerca de 5 mil pessoas, em várias cidades (Sydney, Melbourne, Perth, Brisbane, Darwin e Newcastle).

Na Europa, refiram-se as ocorridas no Reino Unido e em Portugal. Entre nós, realizou-se uma missa e romagem ao túmulo de D. Martinho da Costa Lopes (ex-administrador apostólico de Díli), seguida duma cerimónia evocativa no "Espaço por Timor", que contou com a presença de dirigentes da Resistência timorense e do Primeiro-Ministro, dos Ministro dos Negócios Estrangeiros e Ministro da Solidariedade. Também o Parlamento português lembrou a data, tendo organizado para o efeito uma sessão especial.

"WE SHALL OVERCOME, ..."

No entanto, provavelmente o facto de maior significado político nas celebrações deste ano foi a circunstância de, pela primeira vez, o 12 de Novembro ter sido evocado por indonésios, no próprio coração do império javanês.

Apesar das ameaças do comandante do Exército, general Harmono, cerca de uma centena de jovens indonésios acorreu ao apelo do SPRIM, uma ONG indonésia de solidariedade com o povo de Timor Leste e celebrou a data com uma concentração pública no *campus* da Universidade Indonésia. Numa comemoração plena de sensibilidade e de determinação, ouviram-se as alocuções de representantes das várias organizações cívicas indonésias apoiantes da iniciativa e de um timorense sobrevivente do massacre, foram lidos poemas anti-militaristas e acenderam-se velas em evocação dos que tombaram em Santa Cruz. A presença intimidatória de agente de segurança, que identificavam os participantes e pediam cópias dos discursos, não impediu os presentes de saírem em marcha pelas ruas de Jacarta no fim da cerimónia, cantando a plenos pulmões o hino dos espíritos livres de todos os tempos e lugares, "*We shall overcome*". Ao fim da tarde, outra concentração (esta organizada pelo PIJAR), reuniu mais algumas dezenas de estudantes indonésios no centro de Jacarta.

BLINDADOS NAS RUAS

Embora a generalidade das agências noticiosas tenha descrito a situação vivida em Díli nestes dias como de acalmia, a verdade é que era uma calma imposta pela força das armas e do medo. Os residentes eram constantemente molestados por contínuos controlos policiais. Segundo Florentino Sarmento, um conhecido intelectual timorense citado pela *Reuter*, "*as igrejas estão guardadas por agentes à paisana e ao longo das ruas podemos vê-los ao volante de carrinhas, espiando o povo*".

A mesma opinião era partilhada pelo jornalista irlandês Hugh O'Shaughnessy, em reportagem publicada no jornal inglês *Independent on Sunday* no dia 12 de Novembro. O'Shaughnessy, que também acabou por ser expulso de Timor Leste antes dessa data, refere as ruas de Díli pejadas de tropa fardada e à paisana, as lanchas de desembarque recém-chegadas com reforços frescos ancoradas no cais e as manobras sobre a cidade, a baixa altitude, de dois aviões de combate Hawk (os mesmos que o Reino Unido garante que não são usados em Timor).

O dissidente indonésio George Aditjondro, falando em Perth numa concentração comemorativa do massacre, informava sobre a presença de uma dezena de carros de combate indonésios nas imediações da igreja de Motael e de dois batalhões *Brawijaya* no aquartelamento de Taibisse, em Díli; referia ainda as buscas da polícia, à procura de pneus de viaturas (um potencial combustível em caso de barricadas de rua, como sucedeu nos levantamentos de Setembro último), a qual chegou ao ponto de os confiscar nas oficinas de reparação mecânica.

ÊXODOS

No dia 21 de Novembro os meios de comunicação deram notícia de um barco com timorenses que tinha sido apresado pelas autoridades indonésias ao largo de Be-Aco, Timor Leste, quando tentava chegar a Darwin, Austrália. De acordo com a Amnistia Internacional, do grupo fariam parte 9 mulheres e 4 crianças. O barco teria saído de Hera, perto de Díli, no sábado 18, teria contornado a ponta leste e seria detectado e parado pelos militares indonésios na 2ª feira, 20. Os timorenses, depois de interrogados pelas autoridades militares de Viqueque, teriam sido transferidos para Díli, receando a AI que eles estejam a ser alvo de maus tratos, incluindo a prática de torturas. No seu comunicado, a Amnistia recorda que desde Setembro mais de 200 pessoas foram arbitrariamente detidas em consequência dos confrontos que no período Setembro/Outubro varreram todo o território de Timor Leste.

Em Junho, um grupo de 18 timorenses alcançou por este meio a costa australiana dando azo a um conturbado processo de asilo político neste país, ainda não resolvido, que veio causar alguma perturbação nas relações entre Camberra e Jacarta.

Nos últimos dois meses multiplicaram-se os casos de timorenses que procuraram refúgio nas embaixadas sediadas na capital indonésia e aí pediram asilo político, acabando por serem acolhidos pela potência administrante do território. Embora fontes diplomáticas não especificadas, citadas pela *Reuter*, vejam nesta sucessão de pedidos alguma sombra de oportunismo político - o MNE indonésio disse mesmo que isto era uma forma de conseguir uma viagem "*à borla*" para Portugal - outros preferem chamar a atenção para as condições políticas e sociais em que se vive hoje, em Timor.

"*A situação aqui em Timor Leste é de terror, tensão e perseguição. Não me surpreende que esses jovens tenham escolhido ir para as embaixadas, já que as pessoas na sua posição estão, geralmente, numa situação desesperada*", disse o Vice-reitor da Universidade de Timor, Armindo Maia (*Reuter*, 19/11/95).

NUNCA CRUZAR OS BRAÇOS

Uma reflexão vinda de Timor Leste de uma fonte, por motivos de segurança não identificada, que conhece bem a realidade local

"Há vinte anos que o povo de Timor vive numa situação político-social não pedida nem aceite por ele. No entanto, os acontecimentos surgidos a partir de 1975 conduziram a esta situação."

VIVER TRAUMATICAMENTE

"Todas as pessoas honestas e de bom senso que raciocinem normalmente concluem que a situação actual ainda não é normal. O povo não sente tranquilidade, paz. O povo vive numa constante ameaça de ser preso, interrogado. O povo não se sente livre: não há liberdade de expressão; não há liberdade de reunião; não há liberdade de circular para fora e para dentro do território.

Desde alguns anos para cá que Timor está sendo invadido por populações vindas das outras ilhas. Resultado: como são mais activos, como são protegidos pelos poderes actuais, prosperam, ocupam os melhores lugares e o nosso povo está sendo posto à margem...

Abriram-se muitas escolas, desde as escolas elementares até às escolas médias, porém a qualidade do ensino é baixa. Os jovens que terminam a escola média, muitos mal sabem ler e fazer uma conta de aritmética. (...).

Abriram-se muito hospitais e policlínicas, porém o serviço aos doentes é reduzidissimo. Se há médicos, não há remédios. Se há remédios, é preciso comprá-los e o povo não tem possibilidades económicas para tratar a sua saúde.

A maioria do povo, pelo menos na cidade de Díli, está afectado de tuberculose ou em situação de a adquirir. Durante estes 20 anos em que o povo vive nesta situação ainda não se levou a cabo uma vacinação em massa da população e uma análise do estado de saúde em que vive a população. Certamente tem havido tentativas de vacinação em algumas zonas, sobretudo às crianças.

As doenças venéreas aumentam e alastram devido à entrada sem controle de prostitutas, exploradas e permitidas pelas autoridades. A maioria dos funcionários timorenses que frequentemente vão a Jacarta ou a outras cidades da Indonésia em serviço frequentam as casas de prostituição, trazendo para Timor doenças venéreas que contagiam as famílias. Acontece mesmo que aos funcionários timorenses são fornecidas grátis prostitutas quando ficam nos hotéis.(...).

Não se pode negar nem pôr de lado a existência da resistência armada. Se esta não é activa de modo a constituir um perigo para a segurança dos militares indonésios, o facto é que todo o território de Timor está controlado pelas forças militares indonésias. (...). A resistência armada existe e está bem organizada. Os combatentes têm um alto moral, uma profunda convicção e estão dispostos a lutar até à morte e alcançar o seu objectivo: a Independência da nossa terra.

Também não se pode negar que continua activa uma rede clandestina de resistência (...) e que está bem organizada, desde as crianças aos jovens, até aos adultos e que implica todos os estratos da população desde as cidades às aldeias mais remotas. Quando esta rede clandestina é desmantelada pela policia indonésia, passado pouco tempo volta a organizar-se com novos elementos que surgem espontaneamente.

Um dos problemas mais sérios actuais com consequências alarmantes é a identidade cultural do nosso povo. Uma simples constatação: até 1975 dizia-se ao povo: 'Tu és português, deves sentir-te orgulhoso e amares a tua pátria'. *O povo, certamente que no fundo nunca esteve convencido disto, mas aceitava a situação que permitia um* modus vivendi *pacífico e sem grandes traumas. A partir de 1974, o povo começou a sentir que podia ser ele mesmo, isto é ser aquilo que sentia ser, com as características de ser um povo.(...).*

A partir de 1976, dizem ao povo de Timor: 'Tu és indonésio, deves amar a tua pátria'. *Afinal, pergunta um timorense, quem sou? O que sou? O timorense ainda não encontrou a resposta ou não lhe deram a possibilidade de a encontrar. Resultado: uma grande crise de identidade que pode levar à destruição da sua personalidade e a um caos social quando a situação o permitir.*

O problema não está em se revoltar contra a situação actual. O problema é: nesta situação, como é que eu, timorense, posso crescer, formar-me, viver o menos traumaticamente possível esta minha vida agora?"

MENTALIDADE COLONIALISTA

"A situação religiosa reflecte toda esta situação sociopolítica.

A fé do povo continua firme e arraigada, no entanto os perigos são imensos e graves: o islamismo com todos os valores próprios que influenciam a vida religiosa do povo simples; os valores humanos, cristãos, em contínua desvalorização; um clero cansado e esgotado...

A presença de inúmeras congregações religiosas femininas e masculinas vindas da Indonésia e cujos membros não tem a mínima noção do que é uma verdadeira inculturação. Para eles, a inculturação é sinónimo de javanização: na língua, na liturgia, nos cânticos religiosos. Todos esses membros trazem uma mentalidade colonialista, de superioridade e de imposição dos seus critérios. É raro encontrar uma religiosa ou religioso vindos da Indonésia que lamente o que aqui se fez e está fazendo e procure, em espírito de colaboração e de honestidade mental e de fé, trabalhar com a Igreja local e os membros da Igreja local. O que de facto se constata é que esses elementos ou se fecham e formam os seus guetos, ou se alienam da realidade religiosa, ou colocam a ridículo a fé simples do povo. (...).

Não se pode deixar correr o tempo e esperar passivamente... Também não pode tranquilizar-se afirmando que agora os jovens já não pensam como os adultos de 40 anos para cima. É um erro muito grave e sério. Pois esses jovens amanhã, quando se derem conta do que foram vivendo e do que os obrigaram a viver, serão os primeiros a condenar os que os formaram... Quando as crianças, os jovens daqui a alguns anos se derem conta do absurdo que foi a sua vida, serão os mais aguerridos revoltosos.

Soluções? Fazer uma análise séria da realidade. Ter a coragem de chamar as coisas pelo nome. Não se alienar da realidade, nem construir mundos fictícios. Procurar soluções concretas para os problemas concretos (...).

As respostas terão que ser encontradas por nós próprios, timorenses, e não esperar que sejam os de fora a dá-las.(...).

Mas nunca se pode cruzar os braços ou deixar correr as coisas.

A iniciativa tem que partir de nós próprios. Esta orientação é expressa pelos próprios responsáveis indonésios, o que significa que eles mesmos estão convencidos que não podem resolver a situação. Só que não o dizem expressa e claramente porque não o podem dizer, para não perder o seu prestígio."

C.BUDIARDJO: PRÉMIO

Carmel Budiardjo, fundadora da *Tapol*, foi um dos contemplados

com o prêmio *The Right Livelihood Award Foundation* de 1995, considerado o mais importante prêmio internacional no campo dos direitos humanos depois do Nobel.

A sua atribuição representa o reconhecimento do esforço que tem vindo a ser desenvolvido - há mais de 20 anos - em favor dos direitos humanos na Indonésia e nos territórios por ela abusivamente ocupados. Nascida na Grã-Bretanha, estabeleceu-se naquele país do sueste asiático nos anos sessenta aonde constituiu família. No seguimento do golpe de 30 de Setembro de 1965, passou três anos nas prisões de Suharto sem culpa formada nem julgamento. Foi libertada em 9 de Novembro de 1971, tendo deixado a Indonésia nesse mesmo dia e regressado à Grã-Bretanha.

Foi no seguimento desta experiência que decidiu criar a *Tapol, The Indonesia Human Rights Campaign*, uma ONG sediada em Londres, para denunciar a situação vivida pelos seus antigos companheiros de prisão.

Todos estes acontecimentos são por ela relatados no livro "*Surviving Indonesia's Gulag*", a ser editado antes do fim do ano em Inglaterra.

A Carmel Budiardjo as nossas mais calorosas felicitações.

MANDELA: EMBARAÇOS

Poucas figuras terão mobilizado um leque tão diversificado e

universal de solidariedades como o actual Presidente da África do Sul, Nelson Mandela. Acaba, por isso, por ser duplamente doloroso vê-lo envolvido em tentativas de passar ao lado das *realpolitik* seguidas pelo Estado de que é o ... Presidente.

Dois exemplos recentes: aquando da visita de Mário Soares àquele país da África Austral, o Presidente português focou o caso de Timor Leste como um dos que deveria suscitar a atenção - e a acção - da comunidade internacional. Na sua resposta, Mandela ignorou, por completo, tal referência; na sua visita à Nova Zelândia, aquando da reunião da *Commonwealth*, Mandela encontrou-se com um grupo de veteranos da luta anti-*apartheid* que lhe lembraram o problema de Timor e lamentaram o fornecimento de armas sul-africanas ao exército indonésio. E novamente Mandela voltou a ignorar o assunto (*The New Zeland Herald*, 14/11/95).

Mesmo os melhores de nós têm as suas fraquezas ...

SUHARTO: RALAÇÕES ...

O Supremo Tribunal Administrativo de Jacarta voltou a dar

razão aos jornalistas do *Tempo* que tinham levantado um processo contra o Ministro da Informação por este ter suspendido aquele semanário (juntamente com o *Editor* e o *De-Tik*) em Junho de 94 (*AP*, 22/11/95). O *Tempo* foi a única daquelas três publicações a questionar judicialmente a decisão do Ministro Harmoko, que acumula as funções ministeriais com vastos interesses nos meios de comunicação e é, também, a figura máxima do *Golkar*, o partido no poder.

Já em Maio deste ano o Tribunal Administrativo de primeira instância tinha dado razão a Goenawan Mohamad - o editor principal do *Tempo* - considerando que o ministro tinha actuado de "*forma arbitrária*" ao mandar encerrar o semanário.

Este é o segundo grande desaire de Harmoko em curto espaço de tempo. Em fins do mês passado, o *Committee to Protect Journalists* (CPJ), uma organização baseada no EUA e que acompanha a situação da liberdade de imprensa no mundo, decidiu premiar Ahmad Taufik - que foi jornalista no *Tempo* e está presentemente a cumprir uma pena de prisão de 32 meses na Indonésia, acusado de publicar um jornal não autorizado (o *Independen*, órgão da Aliança dos Jornalistas Independentes) e de "*disseminar sentimentos de hostilidade contra o governo*" - com o *International Press Freedom Award.*

... PERDÕES, GRATIDÕES E NEUTRALIDADES

Lopes da Cruz, embaixador itinerante indonésio para o problema

de Timor Leste, declarou aos jornalistas, à saída de um encontro com o Presidente Suharto, que este tinha decidido convidar Abílio Araújo para visitar Díli para que este pudesse "*ver com os seus próprios olhos a harmonia religiosa existente entre os vários grupos na Indonésia*". Segundo Lopes da Cruz, Suharto tinha concordado em conceder um "*grasi*" [perdão em indonésio] a Araújo, para que ele pudesse passar o Natal com os seus e "*ao voltar pudesse explicar a situação aos seus amigos em Portugal*" (*Suara Merdeka*, 15/11/95).

De acordo com outras fontes, Lopes da Cruz teria igualmente dito que era intenção de Abílio Araújo pagar uma visita de cortesia ao Presidente indonésio durante o mês de Dezembro. "*A visita de cortesia será conduzida no espírito de Natal*", disse, acrescentando que não sabia se Araújo seria acompanhado por outros antigos anti-integracionistas (*INDOEMBDC News* #2, 14/11/95).

Recorde-se que este encontro chegou a ser falado para o início deste ano, tendo Abílio Araújo dado na ocasião uma entrevista ao jornal indonésio *Forum Keadilan* onde se afirmou "*grato pelas coisas positivas que têm vindo a ser feitas durante estes 20 anos em Timor Leste.*"

Lopes da Cruz, disse ainda aos jornalistas de que tinha informado Suharto de que "*o novo governo português decidiu permanecer neutro na questão de Timor Leste e não alinhará nem com os grupos pró nem anti-integração. De acordo com da Cruz,* [o governo português] *está também pronto a manter o diálogo com todos os timorenses, incluindo aqueles que são cidadãos indonésios*" (*Suara Merdeka*, 15/11/95).

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-3º E, 1050 Lisboa, Tel.: 352 8718, Fax: 353 4009
E-mail: cdpm@gn.apc.org IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317